



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS V- ALCIDES CARNEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**SANNY TAVARES BASTOS**

**MÍDIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: AS REDES SOCIAIS COMO  
FERRAMENTAS DE INFORMAÇÃO E MOBILIZAÇÃO**

**JOÃO PESSOA-PB**

**2012**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS V- ALCIDES CARNEIRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS**  
**CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**SANNY TAVARES BASTOS**

**MÍDIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: AS REDES SOCIAIS COMO**  
**FERRAMENTAS DE INFORMAÇÃO E MOBILIZAÇÃO**

**JOÃO PESSOA**

**2012**

**SANNY TAVARES BASTOS**

**MÍDIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: AS REDES SOCIAIS COMO  
FERRAMENTAS DE INFORMAÇÃO E MOBILIZAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de graduado.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Silvia Garcia Nogueira

JOÃO PESSOA – PB

2012

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CAMPUS V – UEPB

B297m Bastos, Sanny Tavares.  
Mídia e relações internacionais: as redes sociais como ferramentas de informação e mobilização. / Sanny Tavares Bastos.  
– João Pessoa, 2012.  
46f.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Curso de Relações Internacionais, 2011.  
“Orientação: Profª. Dra. Silvia Garcia Nogueira, Curso de Relações Internacionais”.

1. Mídia. 2. Internet. 3. Mobilizações sociais. 4. Opinião pública. 5. Redes sociais. 6. Relações Internacionais. 7. Barack Obama. 8. Revolução verde Irã. 9. Egito 2011. I. Título.

21. ed. CDD 327



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

FOLHA DE DEFESA COM OS MEMBROS DA BANCA

ALUNO(A): SANNY TAVARES BASTOS  
MATRÍCULA: 072521449

**MÍDIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: AS REDES SOCIAIS  
COMO FERRAMENTAS DE INFORMAÇÃO E MOBILIZAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Relações  
Internacionais da Universidade Estadual da  
Paraíba.

*Silvia G. Nogueira*

Professor(a) Silvia Garcia Nogueira (Orientador(a)) - UEPB

*Julio César Cabrera Medina*

Professor(a) Julio César Cabrera Medina - UEPB

*Ana Paula Maielo Silva*

Professor(a) Ana Paula Maielo Silva - UEPB

João Pessoa, 27 de junho de 2012.

## AGRADECIMENTOS

À Professora Dr<sup>a</sup> Silvia Garcia Nogueira, pela orientação, ensinamentos, paciência e dedicação demonstrados no decorrer desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Júlio César Cabrera Medina e a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Maielo Silva pelo privilégio de tê-los na banca examinadora deste trabalho.

Aos professores do curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, UEPB. Que desprenderam seus esforços para proporcionar uma educação de qualidade.

Aos funcionários desta instituição pelos cuidados e bom atendimento sempre que necessário.

Aos amigos e colegas de classe, pela união, e pelos momentos alegres vividos juntos.

À minha mãe Maria Nizeuda, que certamente olhou por mim em todos os momentos que passei ao longo destes anos.

Ao meu pai, Jânio Carlos Ribeiro, pelo apoio e sustento durante longo destes anos durante essa jornada acadêmica.

Às minhas irmãs, Suyanne e Suamys Tavares, por todo o incentivo que me prestaram até a conclusão deste curso.

Aos meus familiares, especialmente Raul Victor Barbosa dos Santos e Tarso Caselli pelo apoio, companheirismo e demonstrados durante a produção deste trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho busca explorar e discutir a interferência do elemento internet, em especial das Redes Sociais como o *Twitter* e o *Facebook*, no contexto social diante de certos acontecimentos políticos internacionais, tendo em vista, que o desenvolvimento dos meios de comunicação, especialmente o surgimento da *internet*, modificou intensamente os processos de disseminação e produção de informação, fato fundamental para a organização e sucesso de diversos movimentos ocorridos nos últimos anos. Para tanto, pretende-se, a título de exemplificações, analisar o uso das Redes Sociais na internet e seu auxílio na comunicação e organização social. Primeiramente, dentro do processo que tornou Barack Obama, presidente dos Estados Unidos em 2008, passando pela onda de protestos ocorridos no Irã em 2009 e por fim expondo o contexto das mobilizações sociais no Egito que ocorreram durante a Primavera Árabe no ano de 2011, considerando a participação massiva da Opinião Pública nesses eventos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mídia. Internet. Mobilizações Sociais. Opinião Pública. Redes Sociais. Relações Internacionais. Barack Obama. Revolução verde. Irã. Egito 2011.

## ABSTRACT

The present work aims to explore and discuss the interference of the internet element, especially social networks like Twitter and Facebook, in the social context on certain international political events, in order that the development of the media, and especially emergence of the Internet, altered intensely the processes of production and dissemination of information, a crucial fact to the organization and success of various movements in the last years. For this purpose it is intending, for example, analyzing the use of Social Networking on the Internet and its aid in communication and social organization. First, within the process that made Barack Obama, U.S. president in 2008, through the wave of protests in Iran in 2009 and finally exposing the context of social mobilization that occurred in Egypt during the Arab Spring in 2011, considering the massive participation of public opinion in these events.

**KEYWORDS:** Media. Internet. Social Mobilizations. Public Opinion. Social Networks. International Relations. Barack Obama. Green Revolution in Iran. Egypt 2011.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 - MÍDIA: ATOR E PODER NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS</b>	<b>13</b>
1.1 A PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA .....	13
1.2 O SOFT POWER DA COMUNICAÇÃO.....	15
<b>CAPÍTULO 2 - INTERNET E REDES SOCIAIS.....</b>	<b>19</b>
2.1 A EVOLUÇÃO DA WEB.....	19
2.2 ENTENDENDO AS REDES SOCIAIS.....	21
FACEBOOK.....	23
TWITTER.....	24
<b>CAPÍTULO 3 - A PARTICIPAÇÃO DAS REDES EM MOBILIZAÇÕES SOCIAIS</b>	<b>26</b>
3.1 A OPINIÃO PÚBLICA.....	26
3.2 MOVIMENTOS SOCIAIS .....	28
3.3 REDES SOCIAIS COMO NOVAS FERRAMENTAS DE MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS ..	30
ELEIÇÕES ONLINE .....	31
REVOLUÇÃO TWITTER.....	33
DAS REDES ÀS RUAS: A REVOLUÇÃO NO EGITO.....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação, desde o período entre guerras, vêm sendo utilizados pelos governos e pela sociedade. Particularmente em períodos de conflitos acentua-se o emprego destes recursos. Exemplos não faltam. Durante a Guerra Fria os Estados Unidos e a união Soviética já utilizavam o rádio e a televisão para promover seus regimes políticos e econômicos, perante a população. Na guerra do Vietnã em 1964, os combates já podiam ser vistos pela televisão. A Guerra do Golfo em 1991, também foi noticiada por meio da TV. Estes, dentre tantos exemplos, corroboram com o fato de os meios de comunicação há muito tempo estarem presentes em acontecimentos importantes que se refletem nas mudanças históricas ocorridas no cenário político internacional.

A democratização da informação promovida pelo acesso à internet, que possibilita a troca de conteúdo praticamente de forma instantânea e universal, altera o paradigma do monopólio de informação pelos grupos de comunicação. Percebe-se assim, que atualmente esse processo de veiculação de informação sob uma única ótica vem sofrendo mudanças. Graças ao processo da globalização mundial, o avanço tecnológico e o advento da internet, as redes sociais se tornaram mais uma ferramenta de acesso a informação. Com o advento tecnológico da internet, a manipulação do discurso e alteração sobre a verdade dos fatos se torna mais difícil, devido às inúmeras informações sobre o mesmo assunto advindo de fontes diversas.

Devido às constantes inquietações sobre a influência da mídia na formação da opinião pública e conseqüentemente nas decisões políticas de uma nação, e partindo do pressuposto de que a internet promoveu democratização da produção e divulgação da informação, podemos observar o fenômeno chamado de “Primavera Árabe” onde os jovens, com a utilização das novas mídias digitais, conseguiram promover manifestações que dentro de um contexto sociopolítico ajudaram a derrubar ditadores.

Ainda que esse diálogo não seja isento de conflitos, o encontro e o confronto das reivindicações e lutas referentes a diversos aspectos da cidadania vêm permitindo aos movimentos sociais, passarem da defesa de um sujeito identitário único à defesa de vários sujeitos. Destarte, verifica-se a importância da mídia nas discussões sobre os movimentos sociais. Em especial no contexto de conflitos atuais, como o caso da derrubada do regime ditatorial no Egito, no qual a organização do levante que originou o movimento se estruturou por meio das mídias sociais (*twitter e facebook*).

A internet possibilita às pessoas se comunicarem sem edição de conteúdo. Nesse contexto a rede mundial de computadores passa a ser uma poderosa ferramenta na construção de opiniões e comportamentos. Através desta, as pessoas adquirem conhecimento sobre determinados temas em nível global.

A necessidade da realização desta pesquisa reside no fato dos estudos acerca do papel da mídia nas Relações Internacionais ainda se apresentarem de forma restrita. Além disso, em grande medida, muitos desses estudos atribuem um caráter corporativo, capitalista e pessimista à presença da mídia na sociedade contemporânea. Assim esta pesquisa se propõe a realizar uma análise, que trata a mídia sob um enfoque mais otimista, buscando demonstrar que a informação absorvida (ou disseminada) através dos meios de comunicação pode agregar poder a sociedade.

A pesquisa será composta de análise qualitativa, a qual se pautará em fatores históricos para discorrer sobre seus objetivos. Esta possui característica explicativa- exploratória, na medida em que busca analisar como as mídias podem exercer influencia sobre determinados acontecimentos internacionais, por meio da comoção e/ou organização social, através da formação ou transformação da opinião pública.

As contribuições da teoria construtivista são adotadas como o referencial teórico para a presente pesquisa. Desta forma, são significativas as colocações feitas por este campo teórico no que se refere a sua contribuição quanto à relação agente/estrutura, a premissa de co-constituição e a inserção de novos atores no cenário internacional, dentre estes, a mídia. Será utilizado ainda o conceito de *soft Power*, proposto por Joseph Nye, em 1990, que buscava descrever uma das dimensões de poder do Estado (o poder brando). Além de outros termos e conceitos necessários para o embasamento desta discussão, tais como Opinião Pública, movimentos sociais, ciberativismo e redes sociais.

Assim, o presente trabalho busca explorar e discutir a interferência do elemento internet, em especial das Redes Sociais como o *Twitter* e o *Facebook*, no contexto social diante de certos acontecimentos políticos internacionais, que se deflagraram através das mobilizações sociais, bem como o posicionamento da mídia convencional, a qual tem de se adaptar ao novo contexto tecnológico e a essa “terceira via” de acesso à informação que se chama internet.

Partindo do pressuposto que a internet promoveu a democratização da produção, captação e divulgação da informação, tornando-se fundamental para a organização e sucesso do movimento contra as ditaduras políticas no Oriente Médio por exemplo. Para tanto, pretende-se, a título de exemplificações, analisar o uso das Redes Sociais na internet e seu

auxílio na comunicação e organização social, primeiramente, dentro do processo que tornou Barack Obama, presidente dos Estados Unidos em 2008, passando pela onda de protestos ocorridos no Irã em 2009 e por fim expondo o contexto das mobilizações sociais no Egito que ocorreram durante a Primavera Árabe no ano de 2011.

O presente trabalho divide-se em três capítulos. O primeiro apresenta a relação entre a mídia e Relações Internacionais, usando como suporte a teoria construtivista. O segundo resgata o processo do surgimento da internet, por meio das transformações globais trazendo conceitos como Web 2.0, Redes Sociais e a origem do Facebook. E o terceiro capítulo, contextualiza alguns eventos que se processaram por vias das redes sociais, situados cronologicamente, sendo eles, a eleição do então presidente dos Estados Unidos Barack Obama, os conflitos da revolução verde no Irã e finalmente os levantes do Egito que culminaram na derrubada do Governo de Hosni Mubarak, durante uma sucessão de eventos dessa natureza, que ficou conhecida como a “Primavera Árabe”.

## CAPÍTULO 1 - MÍDIA: ATOR E PODER NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Sabe-se que, as correntes consideradas, positivistas apresentam-se como parte dominante, no que se refere aos estudos das Relações Internacionais. Entretanto as correntes chamadas de pós-positivistas, cada vez mais, abrem espaços para situar novas discussões nesta área de conhecimento. Dentre estas novas questões encontram-se os estudos sobre a mídia dentro das Relações Internacionais, o qual se apresenta de maneira ainda restrita. Desse modo, este estudo traz como base teórica para situar a mídia dentro das Relações Internacionais, três abordagens; primeiramente uma breve descrição sobre perspectiva construtivista das Relações Internacionais, seguida pela proposta apresentada por Joseph Nye, em 1990, tratando acerca do Soft Power da comunicação, e por último apresenta uma taxonomia, criada por Eytan Gilboa, que atribui um caráter específico ao papel da mídia dentro do cenário internacional.

### 1.1 A PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA

Durante as décadas de 1980 e 1990, novas perspectivas e conceitos surgiram nos debates presentes nas RI, marcados pela tentativa de compreender as transformações na política mundial. Neste contexto, encontramos as teorias construtivistas. Segundo Camargo (2008 p. 20), o marco inicial do surgimento de tais teorias situa-se no lançamento do livro de Nicolas Onuf, em 1989 *The world of our making: rules and rule in social theory and international relations*. Seguido do livro de Alexander Wendt, *Anarchy is what states make of it*, publicado em 1992.

Os construtivistas abordam uma perspectiva muito mais reflexiva, onde o campo das ideias assume grande relevo. Assim uma das suas principais contribuições foi “trazer para as relações internacionais o debate acerca do lugar da ideias e dos valores na análise dos fenômenos internacionais.” (CAMARGO, 2008, p.20)

Nogueira e Messari (2005) apontam pontos comuns a todos os construtivistas. Primeiramente, observa-se que para estes teóricos "o mundo não é predeterminado, mas sim construído na medida em que os atores agem, ou seja, o mundo é uma construção social

(NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p.166) O segundo ponto em que convergem os construtivistas, diz respeito à negação da antecedência ontológica de agente /estrutura, para eles agente e estrutura, são co-constitutivos.

Outro ponto de convergência, para maioria dos construtivistas se configura na negação da “anarquia como uma estrutura que define a disciplina de relações internacionais.” (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 167) Decorrente da premissa anterior, Nogueira e Messari demonstram a afirmação construtivista, na qual a anarquia internacional é socialmente construída, tal qual o sistema internacional. E sendo este último socialmente construído, pode variar entre o conflito e a cooperação. Assim utilizando-se dessa premissa, pode-se demonstrar então que, um conceito clássico das Relações Internacionais que considera o Sistema Internacional como um grupo de Estados soberanos que se comporta anarquicamente como bolas de bilhar<sup>1</sup>, é desconstruído pela teoria construtivista, tendo em vista sua recusa à crença de que “Sistema Internacional representa uma estrutura atomística de Estados, em condição de anarquia impermeável à mudança.” (MIORANDO, 2010, p. 20)

A premissa de co-constituição, proposta pelos construtivistas, prega que não se pode falar em sociedade sem falar de indivíduos e nem se pode falar de indivíduos sem falar em sociedade. Desse modo, observa-se que essa teoria admite “novos atores, ou agentes, que influenciam o meio assim como o meio os influencia”. (CARNEIRO, 2010, p.20)

Tendo em vista, que os Estados sempre foram considerados as grandes instituições das Relações Internacionais, observa-se cada vez mais o seu papel compartilhado pela presença de outros atores importantes no cenário internacional. “Com a globalização, muitas questões extrapolam os limites territoriais, como, por exemplo, os aspectos climáticos, os Direitos Humanos, as empresas multinacionais, o terrorismo e as comunidades internacionais”. (DUARTE, 2010, s/p). Essa fragmentação vem aumentando significativamente à relevância de atores não-estatais, dentre eles a mídia. É neste texto que se insere o suporte teórico necessário para situar os estudos de mídia nas Relações Internacionais. Como afirma Camargo:

As reflexões construtivistas reforçam a convicção de que os Estados não são os únicos objetos de estudo das Relações Internacionais, e assim, permitiriam situar o

---

<sup>1</sup> Este trecho refere-se ao modelo de visão realista, (bolas de bilhar), das relações internacionais, proposto por Hans Morgenthau, esta visão identifica os Estados como os únicos atores do sistema internacional com capacidade de decisão; segundo este modelo, o sistema internacional está constituído por Estados soberanos que se comportam anarquicamente.

papel da mídia como um ator relevante na configuração dessas relações. (CAMARGO, 2008, p.18)

É importante observar que apesar dos teóricos construtivistas, não se pautarem especificamente no estudo da mídia. As questões da informação e da comunicação como responsáveis pela elaboração de conhecimentos e discursos formadores de uma realidade social, aparentam-se como uma preocupação. Segundo Camargo:

A atuação da mídia – com sua capacidade de construir e disseminarem larga escala realidades sociais por meio de seu discurso diário- compartilha com os outros agentes a função de constituir a definição de regras, identidades e interesses. Em um movimento dialógico, igualmente, a mídia é constituída e influenciada pela estrutura da realidade política internacional (CAMARGO, 2008, p.26).

Júlia Faria Camargo (2008) aponta que a utilização da propaganda durante as décadas de 1920 e 1930, juntamente com a invenção do rádio e o desenvolvimento acelerado dos meios de comunicação, despertaram o interesse acadêmico pela comunicação internacional, no período entre as duas Guerras Mundiais. Camargo aponta que “até década de 1960, os estudos da Comunicação Internacional eram excessivamente caracterizados por uma postura de pesquisa comportamental” (CAMARGO, 2008, p.39). Segundo a autora somente durante a Guerra Fria, com os estudiosos se debruçando sobre outros questionamentos, esta área se consolidou, dentro dos estudos que afetam as Relações Internacionais. Atualmente, as investigações sobre a mídia são mais exploradas pelos pesquisadores, apesar de por muito tempo apresentaram-se apenas como coadjuvante das teorias de relações internacionais. Neste sentido Oliveira assevera que:

Os atuais ensaios sobre o papel da mídia na vida política nacional e internacional apontam para a constatação de que a comunicação apresenta-se como outra face do poder – soft Power –, sendo identificada por meio da persuasão de ideias, culturas, valores, contrapostos ao poder das armas e dos meios de coerção física. (OLIVEIRA, 2010, p.379).

## 1.2 O SOFT POWER DA COMUNICAÇÃO

O conceito de *Soft Power* surgiu primeiramente na obra de Joseph Nye, em 1990, e buscava descrever uma das dimensões de poder do Estado, que era por vezes tratada como a

“segunda face do poder” (MIORANDO, 2010, p.23). Nye e Owens (1996, p.21 *Apud* Gilboa 2002) explicam “*Soft Power*” (poder brando), como sendo “a capacidade de atingir os resultados desejados em assuntos internacionais através da atração em vez da coerção”<sup>2</sup> No mesmo sentido Nye define poder em termos de capacidade de influência sobre o comportamento de outros, em suas palavras: “... *Power is the ability to influence the behavior of others to get the outcomes one want.*” (NYE *Apud* SANTOS 2010.2). Santos demonstra ainda “de acordo com Nye, as fontes de soft power seriam primordialmente a cultura, os valores políticos e a política externa de um Estado. Estes, se bem utilizados, podem gerar a atração específica que é caracterizada como soft power” (SANTOS, 2010.2, p. 12). Neste contexto, pode-se dizer que a eficiência do *soft Power* “requer eficácia a utilização da dos meios de comunicação” (CAMARGO, 2008, p.40).

Considerando que o Estado continua a ser o eixo principal, das relações internacionais, ele não é o único. Logo se observa a pluralidade de atores não estatais (Organizações não governamentais, sociedade civil, atores da economia global, indivíduo, entre outros) existentes atualmente no sistema internacional. Sendo assim vale salientar as diferenças existentes entre a mídia e estes demais atores.

A atuação da mídia no cenário internacional se diferencia da atuação dos demais atores. Enquanto estes últimos possuem identidades mais ou menos constantes, interesses baseados em tradições e se comportam de uma forma na qual é possível observar certa previsibilidade, por sua vez, a mídia pode ser considerada um ator de múltiplas faces, cujo semblante depende do contexto, do tipo de veículo e da própria direção do meio de comunicação. Assim não é possível imprimir à mídia uma identidade fixa no cenário internacional. (CAMARGO, 2008, p.41)

A revolução das comunicações na era informacional transformou a realidade e o cenário internacional. Atualmente, como afirma Gilboa (2002, p.732) a comunicação global, trouxe novos papéis para formulação e implementação da política externa (ibdem).

Eytan Gilboa, em seu artigo “*Global Communication and Foreign Policy*”, de 2002, apresenta as diversas “faces” da mídia, categorizando-a em quatro papéis distintos. Gilboa apresenta a mídia como controladora, constrangedora, interventora e instrumental, e a classifica utilizando os seguintes conceitos apresentados na tabela a seguir.

---

Para mais informações ver: VILLA, Rafael Duarte. **Segurança internacional: novos atores e ampliação da agenda**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451994000300006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451994000300006&script=sci_arttext)

<sup>2</sup> Tradução livre, do inglês, para mais informações ver: GILBOA, Eytan. *Global Communication and Foreign Policy*, 2002 Disponível em: <http://ics.leeds.ac.uk/papers/pmt/exhibits/1173/gilboa.pdf>



Tipo de ator	Atividade	Contexto	Conceito
Ator Controlador	Substitui a tomada de decisão	Intervenção em crises Humanitárias	Efeito CNN
Ator Constrangedor	Constrange a tomada de decisão	Processo de tomada de decisão	Política em tempo real
Ator Interventor	Mediadores	Mediação internacional	Crises políticas
Ator Instrumental	Promove negociações e acordos	Resolução de conflitos	Diplomacia midiática

Fonte: Taxonomia de Atores e Conceitos, (adaptado) Eytan Gilboa. (2002, p.733)

Sucintamente, pode-se descrever o quadro acima da seguinte forma. A teoria da mídia como um ator controlador pode ser entendida através do chamado Efeito CNN, caracterizado pela atuação dos meios de comunicação, em especial as redes de televisão, como atores na tomadas de decisões políticas em especial eventos relacionados às intervenções humanitárias. A mídia como um ator constrangedor, “é vista como mais um elemento que influência no processo de tomada de decisão e cuja função primordial é constranger o líder político a tomar decisões e agir em curto prazo.” (CAMARGO, 2008, p.42).

O papel da mídia como ator interventor, pode ser explicado “quando o jornalista, direta ou indiretamente, ultrapassa o limite da reportagem e atua como um diplomata mediador.” (ONOFRE, 2011, p.18). Neste caso os repórteres podem servir para acelerar os acordos e soluções durante crises políticas. Por fim, a mídia como um ator instrumental, se configura, na utilização desta, tanto por diplomatas como pelos governos, para promover acordos e auxiliar nas negociações. “a mídia como ator instrumental também está relacionada com a conquista da opinião pública da sociedade internacional pelos governos.” (CAMARGO, 2008, p.42) Nas palavras de Gilboa “*media diplomacy refers to uses of the by leaders to express interest in negotiation, to build confidence, and to mobilize public support for agreements*” (GILBOA, 1998, p. 62–63 *Apud* GILBOA, 2002, p.741)

A apresentação deste quadro proposto por Gilboa se mostra importante para este trabalho, por considerar a mídia atuante no cenário internacional, e não apenas como um mero coadjuvante. Além disto, a importância desta configuração se apresenta mais especificamente

na última classificação feita pelo autor onde ele aborda a mídia como um ator instrumental. Nesta classificação, o autor deixa clara não só a participação da mídia como também da opinião pública nas relações internacionais dois importantes tópicos a serem abordados neste estudo.

Feitas estas análises, percebe-se a importância da mídia e da comunicação dentro do estudo das ciências sociais em geral e das Relações internacionais (RI) em particular. Salientando a incipiência destes estudos no campo das RI. Vale ressaltar ainda, que todo o exposto até agora serve de base para o desenvolvimento deste trabalho que busca explorar e discutir a interferência do elemento internet, e das redes sociais, nas relações internacionais, tendo como plano de fundo as mobilizações sociais organizadas por meio das redes sociais e que estão diretamente ligadas à força da opinião pública na política nacional e internacional.

Para tanto, se faz necessário entender a evolução dos meios de comunicação presentes na nossa sociedade atual. Particularmente da internet, componente essencial para o desenrolar desta pesquisa. Bem como das redes sociais (em inglês, Social Network). Para em seguida se processarem os questionamentos a cerca da presença massiva da sociedade civil no cenário internacional tendo com palco as ferramentas de mídias sociais<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Segundo o site **Wikipédia**. As "ferramentas de mídias sociais" são sistemas online projetados para permitir a interação social a partir do compartilhamento e da criação colaborativa de informação nos mais diversos formatos. Estas possibilitam publicação de conteúdos por qualquer pessoa, e abrangem diversas atividades entre elas, interação social e a divulgação de conteúdo tais como fotos, vídeos e áudios. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdias\\_sociais](http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdias_sociais)

## CAPÍTULO 2 - INTERNET E REDES SOCIAIS

Este capítulo faz um breve relato acerca do desenvolvimento da Internet e das Redes Sociais. Nele será demonstrado como se processou o desenvolvimento da internet e com esta, o as Redes de Sociais, em especial o *Facebook* e o *Twitter*, partes integrantes e fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

### 2.1 A EVOLUÇÃO DA WEB

O surgimento da internet, segundo Castells (2003), se encontra na Arpanet, uma rede de computadores montada pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), em 1969. A ARPA foi formada pelo departamento de Defesa dos Estados Unidos, com o objetivo de movimentar recursos de pesquisa em prol do desenvolvimento da superioridade tecnológica em relação à União Soviética. Porém, somente a partir do ano de 1990 a Internet começou a tomar as formas atuais, graças à criação de Tim Berners Lee a World Wide Web ou apenas Web. Esta, “começou a alcançar a população em geral possibilitando a utilização de uma interface gráfica e a criação de sites dinâmicos e visualmente interessantes” (DUARTE, 2010, p. 4).

Inicialmente, a “Internet estava circunscrita a toda uma cultura norte-americana ligada a grandes universidades e centros de investigação e de estudos inovadores” (CASTELLS, 2004 *Apud* ALVES, 2006). Mais tarde, graças ao seu aperfeiçoamento e de sua construção manteve-se como uma rede internacional aberta, permitindo a qualquer pessoa, com conhecimentos técnicos suficientes e interesse pelo seu desenvolvimento, participar nessa construção e partilha de conhecimento.

Assim, em meados da década de 1990, a internet estava privatizada e dotada de uma arquitetura técnica aberta, que permitia a interconexão de todas as redes de computadores em qualquer lugar do mundo; a www poderia então funcionar como software adequado, e vários navegadores de uso fácil estavam à disposição do público. Embora a internet tivesse começado na mente dos cientistas da computação no início da década de 1960, uma rede de comunicações por computador tivesse sido formada em 1969, e comunidades dispersas de computação reunindo cientistas e hackers tivessem brotado desde o final da década de 1970, para a maioria das pessoas, para os empresários e para a sociedade em geral, foi em 1995 que ela nasceu (CASTELLS, 2003, p. 19).

Em seu livro *A galáxia da Internet* Castells informa ainda que “o uso da internet como sistema de comunicação e forma de organização explodiu nos últimos anos do segundo milênio” (CASTELLS, 2003, p.8) ele assevera ainda que “atividades econômicas, sociais, políticas, e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela internet e em torno dela.” (CASTELLS, 2003, p.8)

O avanço das novas tecnologias trouxe consigo um novo formato da Web, onde o usuário comum não é apenas um mero consumidor de informações. Através da chamada Web 2.0, o usuário que antes era leitor passivo, agora é também um produtor e disseminador de conteúdo.

Em uma entrevista<sup>4</sup> transmitida online, ao jornalista Gonzalo Tapia, no Chile, em 2010, Manuel Castells fala, entre outros assuntos, sobre a Web 2.0. Segundo ele:

“Passamos da comunicação de massas para a autocomunicação de massas, um sistema que também é de massas, mas há interatividade, eu recebo e envio mensagens, o emissor também é receptor”, afirmou (Castells). O mundo virtual e o real se entrelaçam. A rede permite desenvolver comunidades e redes que podem intervir no mundo offline, esse é o papel do ativismo cibernético. “Não podemos viver num mundo dicotômico entre real e virtual, devemos viver num mundo híbrido”, destaca (Castells). [...]. “A rede pode mudar mentalidades [...], permitem uma opinião pública conectada internacionalmente, as redes sociais são fundamentais nesse processo, servem para que pessoas se relacionem e possam existir fora do espaço controlado pelo poder público” (CASTELLS, 2010, s/p)

Ainda dentro desta discussão, Bressan (2007) demonstra que o termo Web 2.0 surgiu, pela primeira vez em outubro de 2004, durante uma “conferência de idéias”, entre a *O’Reilly Media* e a *MediaLive International*, ambas empresas produtoras de eventos, conferências e conteúdos relacionados principalmente às tecnologias da informação. “Os objetivos principais dos organizadores deste evento eram analisar as recentes características da rede, reconhecer tendências, e prever as possíveis inovações que iriam prevalecer no mundo virtual nos próximos anos” (BRESSAN, 2007, p.2).

A Web 2.0 como se convencionou chamar é caracterizada por Bressan da seguinte forma: “Em linhas gerais, Web 2.0 diria respeito a uma segunda geração de serviços e aplicativos da rede e a recursos, tecnologias e conceitos que permitem um maior grau de interatividade e colaboração na utilização da Internet” (BRESSAN, 2007, p.2)

---

<sup>4</sup> Para ver a entrevista na íntegra acesse: <http://www.ustream.tv/recorded/7912966>

Segundo Lopes (2011, s/p), as tecnologias da web 2.0 ampliaram as possibilidades de interação na medida em que permitem visualizar as conexões existentes para além dos nossos relacionamentos presenciais, o que muitas vezes torna nossa “vida virtual” muito mais ampla e diversificada. Sendo assim, podemos observar que com a web 2.0, mais interativa e colaborativa, o usuário pode passar a gerir conteúdo, ou seja, “o usuário deixa de ser um receptor passivo e torna-se um agente disseminador de informações através de ferramentas como Blogs, Chats, Fóruns, Microblogging, sites de relacionamento, etc.” (SILVA, 2011, p.15).

Apesar de Tim Berners Lee, o criador da World Wide Web, ter vislumbrado um ambiente de comunicação dialógica, em que os usuários não tivessem o papel passivo de leitores, mas que também pudessem se expressar, durante a década de 1990, a Internet era utilizada como uma plataforma de comunicação unilateral (Web 1.0, ou *read-only web*), que pouco se diferenciava das mídias tradicionais, caracterizadas pela distinção nítida entre provedores de informação (*broadcasters*) e consumidores (leitores). Foi apenas a partir dos anos 2000, que houve uma profusão de novos recursos de comunicação interativa (Web 2.0 ou *read-write web*) (CARNEIRO, 2011, p.13).

Para tanto, vemos que “a grande inovação trazida pela Internet está em permitir a comunicação ao mesmo tempo interativa e de amplo alcance” (CARNEIRO, 2011, p.11). É neste contexto que se situa a abordagem sobre as redes sócias na internet, já que graças a esse modelo mais interativo da web as redes sociais podem existir neste formato que conhecemos atualmente.

## 2.2 ENTENDENDO AS REDES SOCIAIS.

Com a internet e as mídias sociais mais participativas e colaborativas, a possibilidade de acesso à informação transformou alguns aspectos da comunicação. A informação, que anteriormente era formulada de um para todos agora passa a ser construída e dividida por todos<sup>5</sup>. Estas, por sua vez, possibilitam e incentivam a atuação das redes de solidariedade, de combate as desigualdades sociais contribuindo para a democracia e o desenvolvimento social. As redes sociais mudaram o formato da comunicação. A mídia social contribuiu para

---

<sup>5</sup> A produção de conteúdo formulada apenas pelos meios de comunicação tradicional (TV, rádio, jornais impressos), está sujeita a existência dos editores, fato que por vezes resulta na alteração do sentido final da informação que chega ao “consumidor” de conteúdo. De outro lado a internet mais interativa, proporciona não só vários formatos e edições de um mesmo, conteúdo como a também a produção deste por pessoas que não pertencem à imprensa.

eleição Obama, deu voz ao consumidor, movimentou as eleições no Irã, levou o povo do Egito às ruas e está cada vez mais transformando a sociedade.

As Redes Sociais a que nos referimos às relações sociais mediadas por computadores estabeleceram uma nova (ou várias) forma se pensar as interações pessoais. “As redes sociais criaram novas possibilidades. Para além das simples conexões sociais, elas têm se mostrado poderosas ferramentas de organização política da sociedade.” (LOPES, 2011, s/ p)

Mas afinal o que são as Redes Sociais? Estas pela sua própria natureza possibilitam inúmeras interpretações e definições. Segundo Recuero as redes sociais tornaram-se a nova mídia, em cima da qual a “informação circula, é filtrada e repassada; conectada a conversação, onde é debatida, discutida e, assim, gera a possibilidade de novas formas de organização social baseadas em interesses das coletividades.” (RECUERO, 2011, p.15) Para a autora estes sites atingiram outro nível potencial graças às novas tecnologias - como os celulares, *tablets*, *smartphones* e etc. - que promovem maior mobilidade de acesso à informação. Neste novo momento redes sociais passam a ser constituídas em fluxos informacionais, refletindo a era da conexão proposta por Manuel Castells. A autora traz a seguinte definição para rede social:

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (RECUERO, 2009, p. 24)

Em outro aspecto, as redes sociais referem-se a um conjunto de pessoas ou organizações/entidades sociais conectadas por relacionamentos sociais, motivados pela amizade e por relações de trabalho ou compartilhamento de informações e, por meio dessas ligações, vão construindo e re-construindo a estrutura social (TOMAEL; MARTELETO, 2006, s/p).

Carneiro coloca que “redes sociais são sites que permitem a criação de um perfil pessoal, público ou semi-público, que serve de identidade para o usuário da rede e na qual ele pode se expressar e interagir com seus pares”. (CARNEIRO, 2011, p.17). O autor aponta que atualmente existem milhares de *sites* de redes sociais e que as primeiras surgiram por volta de 1997, mas só se popularizaram em 2003. Ele afirma ainda que “as redes sociais, por sua

natureza de redes, crescem de forma exponencial: no início o ritmo de crescimento é lento, mas se acelera conforme aumenta o número de usuários.” (CARNEIRO, 2011, p. 19).

Atualmente existem vários *sites* de redes sociais como o *Orkut*, que “funciona basicamente através de perfis e comunidades” (RECUERO, 2009, p.165). Ou o *MySpace* “sistema lançado em 2003, que permitia a mostra de redes sociais e a interação com outros usuários através da construção de perfis, blogs, grupos e fotos, música e vídeos” (RECUERO, 2009, p. 172). Mas, para efeito deste trabalho, foram escolhidas as duas redes sociais de maior destaque e relevância a ser tratadas neste contexto: o *Twitter* e o *Facebook*.

## Facebook

O *Facebook* (originalmente, *the facebook*) foi um sistema criado pelo americano Mark Zuckerberg. Lançado em 2004, (RECUERO, 2009, p.171). Entretanto apenas em 2006 tornou-se acessível para qualquer pessoa que desejasse se inscrever. Segundo Recuero:

O foco inicial do Facebook era criar uma rede de contatos em um momento crucial da vida de um jovem universitário o momento em que este sai da escola e vai para a universidade, o que, nos Estados Unidos, quase sempre representa uma mudança de cidade e um espectro novo de relações sociais. O sistema, no entanto, era focado em escolas e colégios e, para entrar nele, era preciso ser membro de alguma das instituições reconhecidas (RECUERO, 2009, p. 171).

Uma reportagem da revista Exame de Outubro de 2009, que tinha como tema da sua edição especial sobre Internet *O poder das Redes Sociais*, por Camila Fusco, traz dados do *Facebook* a respeito daquele ano. “Hoje, (o *facebook*) conta com mais de 340 milhões de usuários registrados e já é o quarto *site* mais visitado do mundo”. Em 2011 eram aproximadamente 750 milhões “Segundo *site* socialbakers.com, especializado em estatísticas de redes sociais, o *Facebook* tinha, em junho de 2011, perto de 750 milhões de usuários ativos. Estima-se que chegue ao número de um bilhão de contas em 2012. (LOPES, 2011, s/p). Já em 2012, uma recente reportagem publicada em maio pelo jornal da Globo, mostra que até abril deste ano o *facebook* já contava com mais de 900 milhões de membros como mostra o gráfico abaixo.

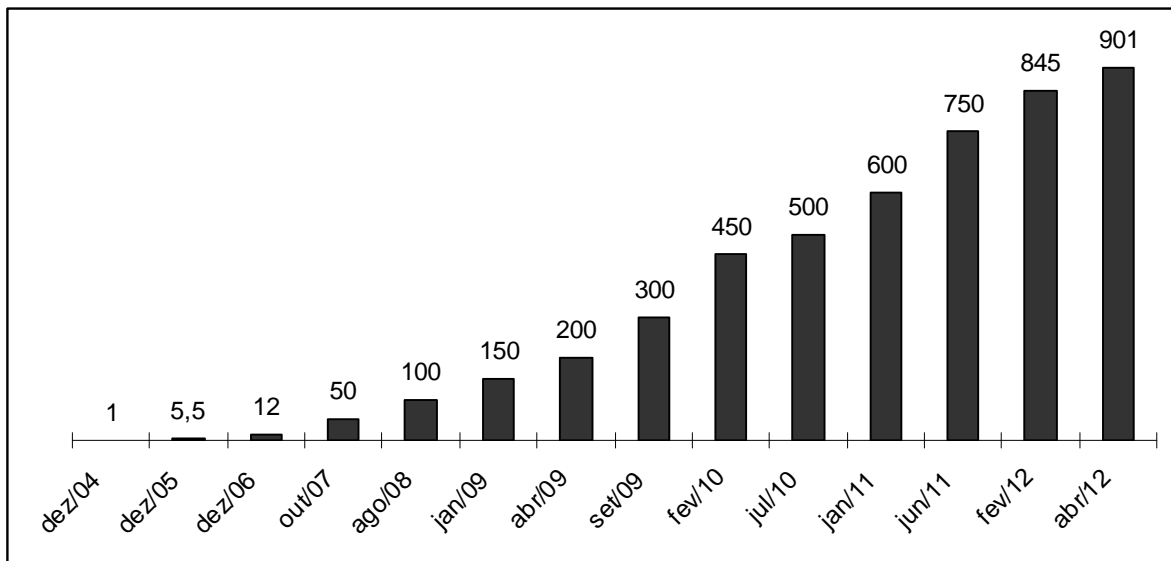


Figura – 1 Crescimento usuário Facebook em milhões. Fonte: Jornal da Globo (2012)<sup>6</sup>.

## Twitter

O *Twitter* foi fundado por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams ainda em 2006, como um projeto da empresa Odeo (RECUERO, Op.Cit. 2009), e ganhou popularidade mundial, hoje é muito utilizado como fonte de informações, manifestações e produção de conteúdo.

O *Twitter* é estruturado com seguidores e pessoas a seguir, onde cada twitter pode escolher quem deseja seguir e ser seguido por outros. Há também a possibilidade de enviar mensagens em modo privado para outros usuários. A janela particular de cada usuário contém, assim, todas as mensagens públicas emitidas por aqueles indivíduos a quem ele segue. Mensagens direcionadas também são possíveis, a partir do uso da “@” antes do nome do destinatário. Cada página particular pode ser personalizada pelo twitter através da construção de um pequeno perfil. (RECUERO, 2009, p. 173).

Carneiro (2011, p.19) explica ainda que o *Twitter* “funciona por vínculos exclusivamente assimétricos, e tornou-se célebre pelo limite de 140 caracteres para cada mensagem, motivo pelo qual a rede se qualifica de microblog.” Para (Pereira; Pinceta, s/d) o *Twitter* “é um grande exemplo de cultura colaborativa e de narrativas hipertextuais.”

<sup>6</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/o-perfil-do-facebook/#>



Ainda segundo as autoras “esta rede vem revolucionando a comunicação e a maneira como os leitores/autores, empresas, instituições e organizações produzem e disseminam conteúdo”. Desde jogos de futebol a concursos de miss, passando por levantes populares, discursos presidenciais e terremotos, o *Twitter* se mostrou a rede social mais eficiente para comentar (e se informar) sobre eventos no momento em que estão acontecendo (PEREIRA; PINCETA, s/d).

Como aponta Carneiro (2011, p.19), originalmente, o *Twitter* era uma forma de informar responder rapidamente à pergunta “O que você está fazendo?”, pergunta esta que se modificou com o tempo, porque os criadores do serviço perceberam que o formato do *Twitter* era ideal para reportar eventos em tempo real e mudaram a pergunta-base para “O que está acontecendo?”.

A todo o momento, são postadas informações sobre os mais diversos assuntos, com uma ampla visibilidade das pessoas no mundo todo, haja vista que “O *Twitter* é a segunda rede social mais expressiva da atualidade, em número de usuários” (CARNEIRO, 2011, p. 19), esta ferramenta vem atuando em assuntos de relevância internacional, como no caso das revoluções ocorridas no mundo árabe em 2011.

Não há como negar que o *Twitter* se tornou o meio de comunicação mais democrático da atualidade Não podemos dizer que, no caso da Líbia, Egito e Tunísia, foram às redes sociais que revolucionaram o movimento. O movimento já existia, a insatisfação popular já existia só que as redes sociais potencializam a forma de atuação. (FERRARI, 2011)<sup>7</sup>

Dado o exposto, é possível perceber a participação e o suporte, oferecido pelas Redes Sociais, em diversas situações. Estas por sua vez colaboraram para a organização de mobilizações ocorridas em todo o mundo. Assim, no capítulo que segue, será demonstrada a importância destas redes para este estudo, por meio de exemplificações, feitas através de eventos selecionados de acordo com a temática deste trabalho e que de alguma maneira refletem nas Relações Internacionais.

---

<sup>7</sup> Professora Pollyana Ferrari durante entrevista concedida à IHU Online. Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/tecnologia/twitter-a-nova-via-da-revolucao>

## CAPÍTULO 3 - A PARTICIPAÇÃO DAS REDES EM MOBILIZAÇÕES SOCIAIS

Neste capítulo trataremos sobre o uso das Redes Sociais na internet, seu auxílio na comunicação e organização das manifestações sociais ocorridas em diversas regiões do mundo. Salientando que os acontecimentos listados a seguir, são exemplos de mudanças políticas ocorridas no cenário internacional que contaram com a presença das novas mídias. Inicialmente serão abordadas as eleições presidenciais norte americanas de 2008. Em seguida, faz-se uma breve análise do levante ocorrido no Irã em 2009. Para por fim, serem relatadas as revoltas populares do Egito durante o ano de 2011 e sua relevância para as Relações internacionais. Antes, porém, é necessário entender a importância da opinião pública para que tais mobilizações, organizadas pela sociedade civil por meio das redes sociais, fossem possíveis.

### 3.1 A OPINIÃO PÚBLICA

A Opinião Pública (OP) é um elemento de relevância no estudo das relações internacionais, mas é também um elemento de discussão, em se tratando da sua real participação nas questões internacionais. Isto porque alguns estudiosos consideram apenas a existência de “opiniões públicas nacionais”, mas nem todos corroboram com a existência de uma opinião pública mundial.

Ricardo Seitenfus (2004) define “Opinião Pública” como sendo “a reação coletiva e instantânea de um conjunto de indivíduos perante um acontecimento ou uma situação.” (SEITEFUS, 2004, p.160). De maneira mais simples, Giddens (2005, p.572), define “Opinião Pública” como sendo “as opiniões defendidas pelos membros do público nos assuntos atuais”

Seitenfus (2004, p.159) afirma que a “opinião pública internacional é inovadora e marcante ator das Relações Internacionais”. O autor diz ainda que a Opinião Pública pode se apresentar de duas maneiras: a primeira, indicada “por meio de responsáveis políticos e governamentais que se apresentam como delegados de sua opinião pública nacional e indicam prioridades políticas”. Neste sentido, os líderes agiriam em nome do Estado e ainda se tornariam formadores de opinião. A outra forma, segundo autor, ocorreria através da análise do militarismo internacional, o qual seria uma forma de identificar o grau de mobilizações por meio de campanhas e denúncias existentes no Sistema internacional. O autor argumenta ainda

que “a opinião pública não deve ser confundida com grupos de pressão ou organizações não-governamentais” (SEITENFUS, 2004, p.162).

Seitenfus (2004, p.162) acredita que a opinião pública deve ser considerada como uma parte da Sociedade Civil *desorganizada*, e alega que a emotividade existente nesta esfera da OP, não lhe permite fazer frente à racionalidade dos outros atores das relações internacionais (RIs), e que a “sua influência sobre os acontecimentos internacionais somente ocorre de forma pontual por meio dos atores tradicionais”.

Seitenfus apesar de também sugerir a recente existência de uma Sociedade Civil *organizada*, “sobretudo pelas redes de telecomunicações”( SEITENFUS, 2004, p.162). Ainda questiona a existência de uma verdadeira sociedade civil internacional. Seitenfus pressupõe “a gestação de um ator incontrolável das relações internacionais, formatando-se em sociedade civil internacional, com aumento exponencial dos usuários da rede Internet”. Entretanto o autor sustenta que esta opinião publica afirma-se à margem dos atores clássicos das relações internacionais, em particular do Estado.

Logo, para efeito deste trabalho, considera - se a existência de uma Opinião Pública. Não só de abrangência nacional, mas também, de cunho internacional. Na medida em que os movimentos a serem observados no decorrer deste capítulo demonstram a existência de uma opinião pública nacional organizada, que graças às novas tecnologias da informação ganham uma proporção internacional, mobilizando não só os agentes internos de determinado país como também boa parte da sociedade civil de outras nações, que direta ou indiretamente sentem-se parte daquele movimento.

Outro ponto importante refere-se à afirmação do autor de que “a existência de uma opinião pública é tributária da possibilidade de livre expressão e por isso limita-se a regimes pluralistas” (SEITENFUS, 2004, p.160). Ele argumenta que:

A ausência da liberdade de expressão, que se caracteriza pela inexistência pública do contraditório, transforma a opinião pública em mero instrumento de legitimação do poder instituído. Neste caso, inexistente opinião pública, pois o Estado, ao tolher a possibilidade de uma expressão de uma vontade coletiva, impossibilita sua eventual influência. [...] Ela somente existe nas democracias ocidentais e nos regimes pluralistas. Descarta-se, portanto, a grande maioria da população mundial, que não dispõe de liberdade de expressão. Assim, por exemplo, inexistente opinião pública nos 22 países Árabes ou na China ou ainda em grande parte da África e Ásia todos marcados pela ausência da liberdade de imprensa. (SEITENFUS, 2004, p.160, 161).

Tendo exposto o citado, faz necessário reavaliar esta afirmação do autor, ressaltando que diante do contexto da sociedade atual, e tendo como caso emblemático a Primavera Árabe ocorrida no ano de 2011, não se pode mais reduzir a presença da opinião pública a países pluralistas, e colocá-la como inexistente em países que se apresentam sob outro regime. Isso porque a opinião pública existe em diversos níveis e independentemente do regime ou Estado em questão. O que poderia ocorrer é que, sob determinados regimes a sua atuação poderia se apresentar de diferentes formas. Ou seja: em regimes pluralistas, como coloca o autor, possivelmente fosse mais visível a presença de uma sociedade civil organizada, enquanto que em outros casos como nos países árabes, por exemplo, esta opinião coexistisse de maneira mais tímida e discreta, sob um regime ditatorial.

O fato é que graças à globalização e ao advento tecnológico, países como o Egito, por exemplo, que se encontrava sob uma ditadura que perdurara por mais de 30 anos, teve a possibilidade de romper o silêncio através da internet e das redes sociais. A sociedade civil daquele país encontrou uma esfera de discussão alternativa para expor a sua opinião, que culminou em uma revolução<sup>8</sup>, na subversão de uma ordem preexistente e na ascensão de outra forma de governo, almejada pela população. Nota-se, portanto, que independentemente do regime em questão a opinião pública existe, ainda que emocionalmente na sociedade. O que não existia era um espaço alternativo onde a mesma pudesse ser exposta e organizada sem rechaço e dessa forma tomar maiores proporções, como acontece no contexto atual.

Assim considerando a existência de uma Opinião Pública internacional, partiremos agora para uma abordagem acerca dos movimentos sociais que decorrem da organização de indivíduos, os quais são componentes tanto da formação da opinião, quanto da execução de tais movimentos que emanam da sociedade.

### 3.2 MOVIMENTOS SOCIAIS

A realidade dos movimentos sociais é bastante dinâmica e nem sempre as teorizações acompanham esse dinamismo (WARREN, 2006, p. 109). Warren argumenta que com a globalização e a informatização da sociedade e em muitos países os movimentos sociais tenderam a se diversificar e se complexificar. Bem como relata Lopes (2011, s/p) “a Internet

---

<sup>8</sup> Giddens, 2005, p.357. In **Sociologia**. Define revolução como “derrubada de uma ordem política existente por meio de um movimento de massas, com o uso da violência”

mudou completamente a maneira como a sociedade se organiza - e as redes sociais potencializaram ao extremo as possibilidades de mobilização social.”

Giddens define movimentos sociais como sendo “tentativas coletivas de promover um interesse comum ou de assegurar uma meta comum por meio de uma ação fora da esfera das instituições estabelecidas” (GIDDENS, 2005, p.357). Segundo o autor estes movimento geralmente tem como objetivo provocar mudanças em uma questão pública, como por exemplo, expandir dos direitos civis para um seguimento da população, além serem capazes de alterar leis ou políticas.

Warren, em seu artigo “*Das mobilizações às redes de Movimentos sociais*”, de 2006, discorre sobre a nova configuração da sociedade civil organizada, observando que:

as mobilizações na esfera pública são fruto da articulação de atores dos movimentos sociais localizados, das ONGs, dos fóruns e redes de redes, mas buscam transcendê-los por meio de grandes manifestações na praça pública, incluindo a participação de simpatizantes, com a finalidade de produzir visibilidade através da mídia e efeitos simbólicos para os próprios manifestantes (no sentido político-pedagógico) e para a sociedade em geral, como uma forma de pressão política das mais expressivas no espaço público contemporâneo (Warren, 2006, p.112).

Essa análise de Warren é bem autoexplicativa no que concerne à existência de movimentos sociais e como estes se manifestam na sociedade. Esta afirmação é bem relevante no sentido que, da mesma maneira que se configuram as manifestações no “mundo real” esta atualmente, também se configura através do Ciberespaço<sup>9</sup> pelo menos em um primeiro momento, para depois passar do mundo virtual para o real. Como afirma Lopes (2011 s/p) “Se antes a praça, o espaço público, era o palco de onde surgiam os grandes clamores sociais, hoje basta um computador para que se inicie uma revolução.” O autor segue afirmando que “a Internet mudou completamente a maneira como a sociedade se organiza - e as redes sociais potencializaram ao extremo as possibilidades de mobilização social”.

Neste contexto, a Internet oferece novas ferramentas de intervenção, como as campanhas virtuais, o correio eletrônico, grupos de discussão, fóruns, salas de conversação, boletins, manifestos online, murais, entre outros. É uma arena complementar de mobilização e politização, somando-se a assembléias, passeatas, atos públicos e panfletos. Esta se consolida

---

<sup>9</sup>Gil Baptista Ferreira p. 104. Coloca que o conceito de ciberespaço, entendido enquanto espaço de partilha virtual, que permite a interação pública e a partilha de informação. *In. Espaços discursivos on-line e democracia deliberativa*. Labcom Books 2010.

em uma ampla arena para os ciberativistas. Para eles o “uso da internet é um meio de “driblar” os meios de comunicação tradicionais, que na maioria das vezes não oferecem espaço para que a opinião pública se manifeste”. (SANTOS, 2011.p.3)

Por ciberativismo, entende-se a utilização da Internet por movimentos politicamente motivados (VEGH, 2003, p.71), com o intuito de alcançar suas tradicionais metas ou lutar contra injustiças que ocorrem na própria rede (GURAK, LOGIE, 2003; MCCAUGHEY, AYERS, 2003 apud SANTOS, 2011, p. 3).

Neste contexto, Moraes (2001) argumenta que, promover ações em prol da cidadania, por meio da congregação de interesses representaria fechar batalhas contra a exclusão de grandes dos benefícios do progresso para algumas populações; reapropriação social da riqueza produzida pelo trabalho coletivo; e a busca por políticas públicas que protejam o bem comum e garantam uma existência mais digna ao conjunto da sociedade.

As vozes que se somam no ciberespaço representam grupos identificados com causas e comprometimentos comuns, a partir da diversidade de campos de interesse (educação, saúde, direitos humanos e trabalhistas, cidadania, minorias e etnias, meio ambiente, ecologia, desenvolvimento sustentável, defesa do consumidor, cooperativismo, habitação, economia popular, reforma agrária, Aids, sexualidade, crianças e adolescentes, religiões, combate à fome, emprego, comunicação e informação, arte e cultura), de metodologias de atuação (movimentos autônomos ou redes), de horizontes estratégicos (curto, médio e longo prazos) e de raios de abrangência (internacional, nacional, regional ou local). (MORAES, 2001, s/p)

Segundo Moraes, o ciberativismo serve de base para campanhas e aspirações à distância, no compasso de causas que se globalizam, na luta por um sistema de comunicação pluralista.

### 3.3 REDES SOCIAIS COMO NOVAS FERRAMENTAS DE MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS

A eleição para a presidência norte americana, que elegeu Barack Obama em 2008, funciona neste trabalho como ponto de partida da análise acerca da participação das mídias sociais em decisões políticas. Além desta, versaremos rapidamente sobre a chamada “Revolução Verde”, que ocorreu no Irã em 2009. Por fim, será abordado o caso das revoltas populares que ocorreram no Egito, durante o ano de 2011, o qual se trata do caso mais

emblemático para o estudo em questão. Isso porque todos esses eventos possuem uma relevância histórica para o estudo das Relações Internacionais. Além disso todos estes acontecimentos de alguma maneira tem em comum o fato de terem seu desenrolar por meios das redes sociais, em especial o *Twitter* e o *Facebook*.

### **Eleições online**

Em 2008, uma série de fenômenos atraiu a atenção de pessoas em todo o mundo. Por meio de blogs, vídeos, e sites de redes sociais, “pela primeira vez, o mundo acompanhou de perto a campanha presidencial entre os candidatos Barack Obama e John McCain e os efeitos da internet nela (RECUERO, 2009, p.16).

Barack Obama “atual presidente dos Estados Unidos soube aproveitar praticamente em sua totalidade os benefícios da rede e não seria exagero afirmar que ela, a Internet, foi uma das responsáveis por sua antes improvável vitória” (DUARTE, 2010, s/p) O autor aponta que cerca de 75 % das pessoas, no Estados Unidos, têm acesso à rede.

Segundo Recuero, Através do *Twitter*, foi possível acompanhar o que os usuários comentavam sobre a campanha. Além disso um vídeo postado no *site Youtube*<sup>10</sup> “Yes, we can”<sup>11</sup>, criado por William, componente do grupo Black Eyed Peas, “um híbrido de um discurso proferido pelo então candidato Barack Obama durante as primárias de New Hampshire, acompanhado por uma canção e diversas personalidades, rapidamente tornou-se um hit no YouTube.” (RECUERO, 2009, p.16)

Notadamente, Obama soube perceber como nenhum outro candidato o fenômeno da Web 2.0. Como demonstra Duarte (2010) ele soube utilizar as mais variadas mídias sociais, para passar suas mensagens aos eleitores norte americanos e arrecadar fundos engajando os próprios eleitores a abraçarem sua campanha, replicando a imagem e seus discursos através da Internet.

---

<sup>10</sup> Segundo o site Brasil escola. A palavra “youtube” foi feita a partir de dois termos da língua inglesa: “you”, que significa “você” e “tube”, que provém de uma gíria que muito se aproxima de “televisão”. Em outras palavras seria a “televisão feita por você”. Essa é justamente a principal função do fenômeno da internet: permitir que os usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital. Para ver mais acessar: <http://www.brasilecola.com/informatica/youtube.htm>

<sup>11</sup> Para ver o vídeo na íntegra acesse: <http://www.youtube.com/watch?v=cOfMpetm8X8>

Carlos Merigo<sup>12</sup>, em seu post “*Barack Obama: O candidato presidente que mudou mais do que uma eleição*”<sup>13</sup> de novembro de 2008, argumenta que antes mesmo do resultado das eleições serem divulgados, já era possível declarar um vencedor: a internet. Ele coloca que, apesar de o uso da internet em disputas eleitoras já despontarem desde os anos 2000, nada poderia ser comparado com a “campanha épica do candidato Barack Obama”, ocorrida em 2008. Tendo em vista “o que ela foi capaz de fazer no ambiente online e nas novas mídias em geral, ao mesmo tempo em que influenciou permanentemente a linha que divide online e *offline* e atingiu a cultura pop” (MERIGO, 2008, s/p)

Mais do que simplesmente anunciar, a campanha reescreveu as regras de como atingir os eleitores, arrecadar dinheiro, organizar voluntários, monitorar e moldar a opinião pública, além de lidar com ataques políticos, muitos deles feitos por blogs que nem existiam há quatro anos. (MERIGO, 2008, s/p)

Em última análise a eleição de Obama, se deu por meio de iniciativas tecnológicas capazes de envolver americanos, que nunca tinham votado antes, no processo eleitoral, em especial o público jovem-adulto. Isso se refletiu nas urnas já que esta campanha teve “um dos maiores índices de comparecimento de todos os tempos nas eleições americanas”. (RECUERO, 2009, p.16)

Obviamente, os meios de comunicação tradicionais<sup>14</sup>, também tiveram a sua participação e “continuam desempenhando papel importante na escolha de um presidente, mas não como antes.” Segundo Merigo (2008) “Esses meios transformaram-se em uma via altamente influenciada pela internet, ao invés do contrário”.

Essa comunicação feita de pessoa pra pessoa construiu uma gigantesca plataforma de conteúdo que independeu da vontade de grandes grupos de mídia. Mais do que isso, provou o poder da integração, da mensagem pulverizada nos mais diferentes meios. Por outro lado, a televisão e os jornais aprenderam grandes lições com as possibilidades da internet, produzindo conteúdo exclusivo, aproveitando o que é gerado pelas pessoas e desenvolvendo ferramentas, mapas interativos, widgets eleitorais, etc. (MERIGO, 2008, s/p).

Assim vemos como a eleição de Barack Obama, reflete bem a participação popular através das mídias digitais, que serviram como multiplicadoras e influenciadoras, formando comunidades de pessoas que fazem a diferença.

<sup>12</sup> Fundador, editor-chefe do B9. Disponível em: <http://www.brainstorm9.com.br/3239/diversos/barack-obama-o-candidato-que-mudou-mais-do-que-uma-eleicao/>

<sup>13</sup> Título referenciado no formato original, retirado do post em Blog B9, por Carlos Merigo.

<sup>14</sup> Neste trabalho, reconhecidos como jornais impressos, televisão e rádio.



## Revolução Twitter

“Revolução Verde”, “Onda Verde”, “Movimento Verde,” ou como é chamada por alguns, “Revolução *Twitter*”, se configura como outro bom exemplo da participação ativa das novas mídias no âmbito de organização em prol de mudança, frente às relações de poder e de política na sociedade contemporânea. Vale salientar que objetivo deste estudo não se pauta nas problemáticas políticas existentes no país, e sim na importância que os novos modelos de comunicação e disseminação de informação atual representam.

A revolução verde ocorreu há exatamente três anos quando o resultado final das eleições disputadas entre o presidente conservador Mahmoud Ahmadinejad<sup>15</sup> e o liberal (ou menos conservador) Mir Hossein Mousavi<sup>16</sup>, foi anunciado. O movimento recebeu este nome graças a cor adotada pela campanha do candidato opositorista Mir Mousavi.

As eleições ocorreram no dia 12 de junho daquele ano, deram a vitória a Mahmoud Ahmadinejad, o resultado oficial segundo a revista *época* datada de 20 de junho de 2009<sup>17</sup> teria dado 63% dos votos para Ahmadinejad, contra 33% para seu principal adversário, o ex - primeiro ministro Mir Hossein Mousavi.

No dia 13 de junho de 2009, eleitores pró Mousavi, saíram às ruas de Teerã e de várias outras cidades iranianas para protestar contra a suposta fraude que teria ocorrido nas eleições. “O que gerou a desconfiança do povo iraniano foi à velocidade com que as urnas foram apuradas. Os cerca de 40 milhões de votos, feitos por meio de cédulas preenchidas à mão, foram apurado duas horas após o fechamento das urnas.” (DUARTE, 2010, s/p). Os manifestantes entraram em choque com a polícia, queimaram pneus e assim se configurou o conflito. Eles tinham como lema principal “*Where is my vote?*” e gritavam nas ruas com o intuito de chamar a atenção da mídia internacional.

As autoridades, por sua vez, tentaram reprimir o movimento com violência, centenas de políticos opositoristas e manifestantes foram presos, jornais foram censurados, comícios

---

<sup>15</sup> Ahmadinejad é conhecido pela postura conservadora, contrária ao diálogo com os americanos, à qualquer abertura democrática e à concessão de direitos às mulheres. Seus eleitores são, em maioria, pessoas mais velhas, de classe baixa e menor grau de escolaridade. (seções on-line veja, 2009)

<sup>16</sup> Mir Hossein Mousavi foi primeiro-ministro do Irã entre 1981 e 1989, quando o presidente era o atual líder supremo do país, o aiatolá Ali Khamenei. Admirado pela habilidade na condução da economia durante a guerra com o Iraque (1980-1990), é considerado de linha moderada. (ibdem)

<sup>17</sup> Revista *Época* (trecho de reportagem) O Levante do Irã. Por Guilherme Eveline e Ricardo Mendonça. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI78253-15227,00-O+LEVANTE+DO+IRA+TRECHO.html>

foram proibidos, universidades foram fechadas, e además, bloquearam diversas páginas na internet. Com a cobertura da imprensa tradicional sendo fortemente controlada, os iranianos adotaram a postura de utilizar ferramentas online para tentar driblar a censura do governo e propagar informações, imagens e vídeos do clima de tensão no país<sup>18</sup>. As imagens da “revolução verde” foram se espalhando pela web através do *Flicker*, por vídeos postados no *Youtube*, pelo *Facebook*, que também cumpriu um papel importante no processo, bem como pelo *Twitter*. A revista *Época* em reportagem de 18 de junho mostra como as redes sociais entraram no conflito.

Com a oposição nas ruas e o governo usando força e censura para sufocá-la, o sussurro do Twitter cresceria para tornar-se um protesto, um grito e, finalmente, um clamor que tomou conta da blogosfera e terminou por criar um movimento mundial de solidariedade aos iranianos (...). Com os artistas e intelectuais mais expressivos em dificuldades, os jornais censurados e as TVs sob o controle estatal, restou aos opositores de Ahmadinejad recorrer à internet em busca de informação e de organização (PEREIRA, 2009, s/p)

No decorrer dos acontecimentos boa parte da imprensa estrangeira já tinha sido expulsa do Irã, e o *Twitter* havia se transformado em uma das poucas fontes de informação sobre o que se passava dentro do país. Ainda segundo a Revista *Época*, em apoio aos protestos iranianos durante mais uma manifestação, o *Twitter* se cobriu da cor que simboliza a oposição iraniana e manifestações solidárias ocorreram em várias cidades européias. Durante este período as mensagens “#IranElection” foram as mais postadas enquanto o *Twitter* teve pico de 220 mil mensagens por hora na quarta-feira 17 com a palavra “Iran”.

*Twitter* 1, CNN 0. Este foi o título da matéria postada no site da revista *The Economist*, de 18 de junho de 2009. Neste trecho retirado da versão impressa da mesma, aparece um relato de como a internet e as redes sociais se tornaram um meio alternativo de informação para as pessoas de todo o mundo.

ON SATURDAY June 13th, as protests began to flare on streets across Iran, 10.5m American TV-viewers naturally turned to CNN, a cable news channel founded in 1980. It was a vote of confidence in the traditional news media. Unfortunately, instead of protests many of them saw CNN's veteran, Larry King, interviewing burly motorcycle-builders. The programme was a repeat. (...) Thanks to the internet, dedicated news-watchers knew what they were missing. Twitter and YouTube carried a stream of reports, pictures and film from Iran's streets. (THE ECONOMIST, 2009)

<sup>18</sup> Segundo reportagem em site da REVISTA ÉPOCA de 2009. O Irã tem 70 milhões de habitantes, dos quais mais de 23 milhões têm acesso à rede e mais de 45 milhões possuem telefones celulares.

O que ocorreu no Irã demonstra que a informação não possui limites na Internet. Os 140 caracteres máximos das mensagens do *Twitter* são transformados em notícias em segundos, e podem ser transmitidas por qualquer pessoa, basta um telefone celular com capacidade de enviar mensagens. Algumas informações foram imprescindíveis para a organização e resistência do movimento; onde se concentrar, onde está a polícia, quem foi preso, o que ocorre nas outras cidades. Tudo isto, só chegou ao conhecimento de seus componentes, sobretudo graças ao microblogging.

### **Das redes às ruas: A revolução no Egito**

No dia 17 de dezembro de 2010, o tunisiano de 26 anos, Mohamed Bouazizi ateou fogo em seu próprio corpo. O fato aconteceu como forma de protesto, depois que a polícia local confiscou as frutas e legumes que o comerciante estava vendendo em uma barraca de rua. Como a morte de Bouazizi, centenas de jovens, revoltados com incidente saíram às ruas exigindo a prisão dos agentes corruptos. A morte de Bouazizi ao invés de se “tornar mais um incidente esquecido provocou uma série de tumultos que acabaram por se transformar em uma revolução popular contra o governo” (PUDDEPHATT, 2011, p. 19). Em questão de dias o presidente Zine El Abidine Ben Ali<sup>19</sup> e sua família tiveram de deixar o país e se exilar na Arábia Saudita. Começaram assim às mais importantes revoltas de países árabes da história contemporânea.

As manifestações que visavam a queda do ditador Hosni Mubarak, foram inicialmente organizadas pelo Movimento 6 de Abril por meio da internet. Segundo a Revista VEJA:

O movimento surgiu em abril de 2008, quando 100.000 jovens resolveram demonstrar solidariedade aos trabalhadores que protestavam na cidade industrial al-Mahalla al-Kubra, no delta do Nilo, por meio do Facebook. O grupo começou a trocar mensagens na rede social e ampliou-se rapidamente. Os seus "chamados

---

<sup>19</sup> Zine el Abidine Ben Ali, ex-presidente da Tunísia, chegou ao poder em 1987. O ex-presidente Ben Ali no dia 13 de junho de 2012(quarta-feira) foi condenado à prisão perpétua por seu papel na sangrenta repressão em Thala e em Kasserine em janeiro de 2011. Segundo site de notícias UOL. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2012/06/13/ex-presidente-da-tunisia-e-condenado-a-prisao-perpetua-por-mortes-em-2011.htm>

cibernéticos" ganharam força diante de grupos que representam as camadas mais pobres e outros setores da população. Também conquistaram o apoio de movimentos da oposição, como a Irmandade Muçulmana. O 6 de abril é um dos responsáveis pela organização das revoltas populares contra Mubarak ( VEJA, 03 de fevereiro de 2011).

O movimento iniciado na Tunísia inspirou a população do Egito, as redes garantiram que a revolta gerasse um rápido efeito e sensibilizaram a opinião pública mundial. No dia 25 de janeiro de 2011, iniciou-se uma série de eventos que culminaram na destituição e prisão do ex- presidente egípcio Hosni Mubarak. A população saiu às ruas, milhares protestaram em várias cidades do Egito, incluindo Cairo, Alexandria, Suez e Ismaília.

Como aponta Coggiola, em seu artigo *Egipto y la revolución árabe* de 5 de fevereiro de 2011, mulheres e jovens se encontravam plenamente incorporados ao movimento, mesmo em países onde ficariam em segundo plano. Segundo o autor, no Egito, país mais importante do oriente médio, o início da convocação de manifestantes se deu por meio da rede social facebook, “El Mártir”, criada em nome de Khaled Said, jovem morto pela polícia em Alexandria. Coggiola descreve que os manifestantes reivindicavam liberdade, saúde, bem estar, pão e democracia. Ele ao discorrer sobre este movimento político aponta que:

El punto alto de la rebelión fue alcanzado el martes 1º de febrero, cuando la concentración popular convocada en la Plaza de Tahrir (de la Liberación), epicentro de las luchas, prevista para un millón de personas, reunió en realidad dos millones, que ocuparon todo el espacio de la plaza hasta el centro de El Cairo, bajo el lema "Abajo Mubarak, todos contra Mubarak", planteándose que las calles no serían desocupadas hasta la caída del gobierno. A la entrada de la plaza se repartieron volantes en árabe, inglés, francés e italiano. En Alejandría (al norte del país) se desarrolló otra marcha, al igual que en Suez, donde alrededor de 200.000 personas se concentraron gritando lemas como "revolución por todas partes", esto a pesar de que, para amortiguar el impacto de las movilizaciones, el gobierno decretó el cierre del servicio ferroviario y de muchas carreteras (COGGIOLA, 2011, s/p).

Para poder se organizar politicamente e coordenar as manifestações, os jovens então se utilizaram das redes sociais como ferramentas de mobilização. Como resposta, as autoridades locais, tentaram inviabilizar o acesso à Internet. “Meio de mobilização dos levantes e divulgação para a imprensa internacional” (ALBUQUERQUE, 2011, s/p). Entretanto esse bloqueio logo foi quebrado. Juntas a Google e o Twitter iniciaram parceria para permitir que internautas do Egito pudessem usar a rede social mesmo após a interrupção de praticamente todos os serviços de Internet no país. As mensagens puderam ser postadas com hashtag #egypt.

Somente após 18 dias de intensos protestos, o ditador Hosni Mubarak, que comandou uma ditadura durante 30 anos, renunciou a presidência do Egito no dia 11 de fevereiro de 2011. “A notícia foi anunciada pelo vice-presidente egípcio Omar Suleiman na TV Estatal. Após esta notícia, centenas de milhares de egípcios celebraram a ocasião na Praça Tahrir, epicentro das manifestações”. (MORAES; BODRUK; LOPES, 2011, p. 6). Seguido por um período de transição de governo, feita pelos militares, os egípcios finalmente realizaram as primeiras eleições democráticas após a queda do ditador Hosni Mubarak, em 24 de maio de 2012.

Os protestos contra o regime de Mubarak no Egito ilustram com clareza o poder que a internet tem de conectar pessoas e reforçar seus ideais por meio da troca de informações. A rede, por ser um ambiente livre do monitoramento e do controle do Estado, somada às suas características interativas, mostra-se um ambiente propício para a organização de grupos (MORAES; BODRUK; LOPES, 2011 p. 6).

As redes inicialmente utilizadas para “despertar a consciência juventude árabe. Num segundo momento tiveram a função de convocar os descontentes para sair às ruas e participar das manifestações” (Lopes, 2011, s/p). Assim, percebemos como as redes sociais assumiram um forte papel como fontes de informação e notícia, abastecidas pelos próprios cidadãos, “furando o bloqueio imposto pelos canais tradicionais de comunicação.” Segundo o autor, imagens da repressão divulgadas na mídia tradicional saíram de conteúdos postados na web. Este contexto fica ainda mais claro com a afirmação de Puddephatt explicando que:

As mídias sociais, por si sós, não produziram a revolução árabe, mas ao oferecer constantemente novos conteúdos e comentários às mídias tradicionais, funcionaram como catalisadores da mudança. [...] Assim, as mídias digitais ofereciam uma saída para a livre expressão que as mídias tradicionais, monitoradas e controladas pelo governo, não podiam oferecer (PUDDEPHATT, 2011, p.20).

Inegavelmente, os egípcios possuíam inúmeros motivos para buscar uma revolução. Segundo dados infográficos da revista *Veja* (Egito em números de 2011), o país mais povoado do mundo árabe com 80 milhões de habitantes, possui uma renda per capita de US\$ 2.771. A cada dois egípcios, um vive com menos de dois dólares por dia, o que corresponde a 44% da população em situação que beira a miséria. Além disto um terço da sua população não sabe ler nem escrever. No entanto vale ressaltar, que as mídias digitais serviram como plataforma para o desenrolar desta revolução.

Dado o exposto, convém observar que os eventos tratados neste capítulo são distintos entre si, tanto pelo contexto quanto pelo desfecho que apresentam. Enquanto as eleições norte

americanas se configuraram em um ambiente democraticamente consolidado, inseridas em um movimento social pacífico, o Egito, apesar de encontra-se em uma zona de instabilidade política, obteve êxito no objetivo de suas manifestações. Já a revolução verde do Irã não apresentou digamos um “final feliz”. A revolução que tomou o Twitter e o Facebook falhou, e as mesmas mídias que a população utilizou para expandir o movimento, mais tarde, serviram para guardar informações e perseguir pessoas que foram ativas neste levante.

Mas o que se pretendeu analisar no decorrer deste capítulo foi a presença constante e a grande colaboração das mídias digitais, em especial as redes sociais. Cabe a observar que a internet, e conseqüentemente estas “novas mídias” foram, e até hoje são, em certa medida desacreditadas por parte de críticos e estudiosos que analisam somente os efeitos sociais supostamente negativos, tanto da globalização quanto das mídias digitais. A intenção deste trabalho, portanto é demonstrar que “as redes sociais se impõem como uma ferramenta indispensável no processo de comunicação seja ele jornalístico, político, social ou cultural” (LOPES, 2011, s/p). As mídias digitais conseguem ao mesmo tempo mostrar a multiplicidade de discursos, visões e interpretações de uma mesma realidade. Notadamente sem estas, seria impossível tanto para estes quanto para outros acontecimentos que perpassaram a rede, se apresentarem da forma como o mundo todo presenciou.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Relações Internacionais contemporâneas estão mergulhadas em um ambiente informacional. Apesar da incipiência de estudos acerca do papel da mídia nas relações internacionais, sobre a comunicação internacional e sua influência no campo das RI, tal temática não pode mais ser afastada desta área do conhecimento. Embora a escassez de bibliografia na área de Relações Internacionais se coloque como um obstáculo para os pesquisadores que enveredam pela temática da comunicação este fato não diminui a relevância da mesma.

Muitos estudiosos acreditam que os meios de comunicação em nada alteram a conjuntura do cenário em que se apresentam. Para eles jornais, rádio e TV não passam de meios para a transmissão de mensagens sem representar qualquer interferência na vida da população. Outros atribuem à mídia a função de disseminadora de ideias governamentais, ou comerciais, para manipular a população sobre determinado assunto. Numa configuração mais atual, há ainda aqueles que desprestigiam completamente o papel das mídias sociais digitais alegando a inconfiabilidade das fontes geradoras de notícias neste ambiente. Discussões não faltam. No entanto, o que realmente importa é ressaltar que o desenvolvimento dos meios de comunicação, e especialmente o surgimento da *internet*, modificou intensamente os processos de disseminação e produção de informação. A internet, por meio da web 2.0, e suas ferramentas interativas, encerra a era do consumidor passivo, de notícias pré-fabricadas. Agora, a informação não é somente recebida, mas também produzida e disseminada pelas pessoas, usuárias das novas mídias digitais.

As relações sociais, econômicas e políticas da sociedade moderna foram afetadas pelas novas tecnologias, que modificaram também a forma de pensar, produzir e compartilhar informação entre as pessoas. Utilizando-se desses meios a sociedade civil atual tende a ser cada vez mais agrupada, participativa e colaborativa, valendo-se da internet para disseminar informações que contribuam para o seu fortalecimento.

A cronologia apresentada neste trabalho reflete bem essa afirmação. Com as eleições de Barack Obama em 2008, o mundo pôde ver, de uma maneira mais específica a atuação das mídias digitais na política. Elas serviram como palco de discussões, e foram utilizadas para angariar votos e dar força à campanha eleitoral do candidato. De outro ponto a revolução verde do Irã não logrou o esperado, Mahmoud Ahmadinejad venceu as eleições e permanece

até hoje no poder. Entretanto esse movimento foi de extrema importância simbólica para este estudo, como foi demonstrado no capítulo três, os meios de comunicação tradicionais, foram bloqueados. Os repórteres estrangeiros expulsos do país não podiam exercer seu papel e difundir informações locais. Restou para os iranianos apenas a internet, que mesmo posteriormente sendo bloqueada, foi a maneira encontrada para que as pessoas pudessem se comunicar e se manifestar sobre o que estava acontecendo.

Tal qual no Irã, o governo egípcio também tentou censurar a circulação de informação, porém os bloqueios não foram suficientes para frear a população sedenta de mudança. Mediadas pelas redes sociais, a população do Egito avançou para um alto nível de mobilização que pouco se viu ao longo das últimas décadas. Os protestos contra o regime ditador de Osni Mubarak ilustram o poder de conectividade proporcionado pela internet. A liberdade encontrada na rede, distante do monitoramento e do controle estatal, juntamente com suas características interativas, compõem o ambiente perfeito para que qualquer cidadão descontente com a política do governo possa não só expressar a sua opinião como também se unir a grupos e a movimentos que corroborem com a sua idéia. Foi assim com o Movimento 6 de Abril, ocorrido em 2008, que mais tarde serviu de apoio para a organização das revoltas populares contra Mubarak.

Os fatos aqui expostos representam uma ínfima parcela de acontecimentos que perpassaram as redes sociais, desde mobilizações mais simples, (mas não menos importantes) como a “marcha das vadias”,<sup>20</sup> até os levantes sociais, como a “Primavera Árabe” contra as ditaduras no oriente médio e norte da África. Em comum todos eles tiveram a sociedade civil organizada como a detentora de uma opinião e um objetivo em comum sobre determinado assunto, além de uma grande vontade de mudança da ordem social existente. Para que fossem possíveis esses movimentos de protesto e mudança, os agentes envolvidos utilizaram as redes sociais como sede para as suas deliberações.

Finalmente, percebe-se o quão a internet é importante na configuração atual, uma vez que possibilita a articulação de ações, advindas da sociedade civil, não só no âmbito local, mas também no nacional e no internacional. Os indivíduos utilizam cada vez mais as redes sociais, não apenas para se relacionar, como também para disseminar e obter informações rapidamente e em maior número. Em meio a tantos eventos no mundo todo, os usuários começam a perceber o poder que têm as redes sociais, que se configuram em uma plataforma

---

<sup>20</sup> A Marcha das Vadias é um movimento contrário ao machismo que teve origem no Canadá e se espalhou pelo mundo. No Brasil os protestos ocorreram em várias cidades e foram organizados pelas redes sociais.



livre. Nela além de seus interesses pessoais, existe um espaço aberto para expor opiniões e articular a organização de manifestos. Esta articulação sem fronteiras possibilita o fortalecimento da opinião pública em seus níveis local, nacional, regional e mundial, que se bem articulada, pode conseguir o inimaginável em qualquer esfera. Tem-se assim, que a mobilização da opinião pública mundial se configura como um elemento atuante na conformação das Relações Internacionais, na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Carolina Abreu. **Nas Redes, Nas Telas, Nas Ruas**. Simsocial: Simpósio em tecnologias digitais e sociabilidade. Mídias Sociais, Saberes e Representações. Salvador, 13 e 14 de outubro de 2011.

BARRETO, Fernando: **Mobilização Social**. *In: Para entender as mídias sociais*. Org. BRAMBILLA, Ana. E-book, 2011. Disponível em: <http://www.slideshare.net/ambrambilla/para-entender-as-mdias-sociais>

BLOG B9. **Barack Obama: O candidato presidente que mudou mais do que uma eleição**. Carlos Merigo Disponível em: <http://www.brainstorm9.com.br/3239/diversos/barack-obama-o-candidato-que-mudou-mais-do-que-uma-eleicao/>

BRESSAN, Renato Teixeira. **Dilemas da rede: Web 2.0, conceitos, tecnologias e modificações**. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

CAMARGO, Júlia Faria. **Ecos do Frigor: a invasão do Iraque em 2003 - Mídia internacional e a imprensa brasileira**. Brasília: UnB, 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília - IREL-UnB, Brasília, 2008 Disponível em: [http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3671](http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3671)

CARNEIRO, Anna Karoline de Araujo. **Mídia e Relações Internacionais: Closting Gitmo**. Universidade Estadual da Paraíba, (UEPB) João Pessoa, 2010.

CARNEIRO, Rafael Prince. **Diplomacia pública digital: Desafios e oportunidades para a atuação do Itamaraty na internet**. Ministério Das Relações Exteriores. Instituto Rio Branco, Brasília 2011

CARTA CAPITAL. **Twitter: a nova via da revolução?** Março de 2011. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/tecnologia/twitter-a-nova-via-da-revolucao/>

CASTELLS, Manuel (2003) **A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade**. Tradução, Maria Luiza X. de A. Borges, revisão técnica Paulo Vaz, Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2003 Disponível em:

[http://books.google.com.br/books?id=nCKFFmWOnNYC&pg=PA234&hl=ptBR&sourcegbsselected\\_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=nCKFFmWOnNYC&pg=PA234&hl=ptBR&sourcegbsselected_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false)

COGGIOLA, Osvaldo. **Egipto y la revolución árabe**. 2011

DUARTE, Júlio Jorge Trindade. **O papel da internet nas relações internacionais Contemporâneas: a campanha de Barack Obama e as Manifestações 2.0 no Irã**. 2010. Disponível em: [http://www.jtrindade.com.br/wpcontent/uploads/2011/11/Internet\\_Obama\\_Ira.pdf](http://www.jtrindade.com.br/wpcontent/uploads/2011/11/Internet_Obama_Ira.pdf)

ESTEVAN, Gressiana. **As possibilidades da web 2.0 como ferramentas do novo marketing: análise da empresa camiseteria**. 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/27881>

EVANGELISTA, Rafael. Cienc. Cult. vol.63 no.2 São Paulo Apr. 2011. **Revoluções a la Web**. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. 2012. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252011000200007&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252011000200007&script=sci_arttext)

FOLHA UOL. **Milhares de egípcios vão às ruas para protestar contra militares**. da Reuters, no Cairo. Dezembro de 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1025489-milhares-de-egipcios-vao-as-ruas-para-protestar-contra-militares.shtml>

FOLHA UOL. **Movimento antiMubarak teve início na internet**. DA FRANCE PRESSE, EM CAIRO (EGITO). Janeiro de 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/867363-movimento-antimubarak-teve-inicio-na-internet.shtml>

FOLHA UOL. **Onda de protestos e morte de jovem marcaram reeleição de Ahmadinejad**. Folha online. Agosto de 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/videocasts/ult10038u604806.shtml>

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução Sandra Regina, Netz. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GILBOA, Eytan. **Global Communication and Foreign Policy**. 2002. Disponível em: <http://ics.leeds.ac.uk/papers/pmt/exhibits/1173/gilboa.pdf>

\_\_\_\_\_ **Globalização, Web 2.0 e movimentos sociais: Castells concede entrevista no Chile**. Disponível em: <http://culturamidiaeducacao.blogspot.com.br/2010/07/globalizacao-web-20-e-movimentos.html>

IDGNOW. **Como o Facebook e o Twitter ajudaram a derrubar o presidente do Egito.** Disponível em: <http://idgnow.uol.com.br/internet/2011/02/14/como-o-facebook-e-o-twitter-derrubaram-o-presidente-do-egito/>

JORNAL DA GLOBO. **O Perfil do Facebook.** Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/o-perfil-do-facebook/#> Acesso em: 20/05/2012.

LOPES, Gustavo Chaves. **O papel das redes sociais como ferramenta de mobilização política da sociedade: uma análise da “Primavera Árabe”.** 2011. Disponível em: <http://www.slideshare.net/gustavoclopes/mobilizaoemredesociais>.

MARINUCCI, Raquel Boing. **Relações Internacionais e mídia.** Univ. Rel. Int., Brasília, v. 6, n. 1, p. 43-52, jan./jun. 2008.

MÁXIMO, Jéssica. **Entendendo as revoluções árabes: uma breve análise das crises do Norte da África e do Oriente Médio.** [c.a 2011]

MIORANDO, Bernardo Sfredo. **Diplomacia pública no Brasil: estudo sobre a imagem internacional brasileira.** 2010

MORAES, Dênis de. **O ativismo digital.** Universidade Federal Fluminense Brasil, 2001. Online. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: Correntes e Debates.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 2005.

\_\_\_\_\_. **OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Irã e a web-revolução.** Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ira-e-a-webrevolucao>

OLIVEIRA, Rafael Santos de. **A mídia como ator emergente das Relações Internacionais: Seu Protagonismo no uso do soft Power frente aos desafios das mudanças climáticas.** Florianópolis 2010.

ONOFRE, Raissa Lima. **A diplomacia midiática como estratégia de ação governamental.** Universidade Estadual da Paraíba, (UEPB) João Pessoa, 2011.

PEREIRA, Heloísa; PINCETA, Karina. **O Avanço Dos Meios Digitais e a Produção De Informação. Como as Redes Sociais estão Transformando a Comunicação, o Jornalismo e a Sociedade.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP.)

PUDDEPHATT, Andrew. **As revoluções árabes e a comunicação digital.** In Política Externa. Repercussões da primavera Árabe. Vol.20, nº1. Jun/Jul/Ago. de 2011

RECUERO, Raquel: **A nova revolução – as redes são as mensagens.** In: **Para entender as Mídias sociais.** Org. BRAMBILLA, Ana. E-book, 2011. Disponível em: <http://www.slideshare.net/ambrambilla/para-entender-as-mdias-sociais>

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009. Coleção Cibercultura. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/redessociaisnainternetrecuero.pdf>

REVISTA ÉPOCA. **Rebelião 2.0 em Teerã.** Rafael Pereira. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI78243-15227-2,00-REBELIAO+EM+TEERA.html>

REVISTA EXAME. **O poder das Redes Sociais.** Outubro de 2009. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0953/noticias/poder-redes-sociais-501965>

REVISTA SOCIALISMO E LIBERDADE. **Notas sobre Líbia, o imperialismo e a revolução árabe.** Pedro Fuentes. Agosto de 2011. Disponível em: <http://www.socialismo.org.br/portal/internacional/38-artigo/2206-notas-sobre-libia-o-imperialismo-e-a-revolucao-arabe>

REVISTA SOCIALISMO E LIBERDADE. **Tunísia e Egito: uma revolução democrática percorre os países árabes.** Israel Dutra e Pedro Fuentes. Fevereiro de 2011. Disponível em: <http://www.socialismo.org.br/portal/internacional/38-artigo/1874-tunisia-e-egito-uma-revolucao-democratica-percorre-os-paises-arabes>

REVISTA VEJA. **Egito em números.** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/galerias-infograficos/afp/EgitoEcoSocPT3101/egito-numeros.shtml>

REVISTA VEJA. **O Movimento 6 de Abril e o início da revolução egípcia.** Fevereiro de 2011. Por Belém Delgado. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/o-movimento-6-de-abril-e-o-inicio-da-revolucao-egipcia>

REVISTA VEJA. **Sufocada por 30 anos, oposição tenta se articular no Egito.** Fevereiro de 2011. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/manifestacoes-no-egito-sao-movimento-popular-de-insatisfacao-contr-governo>

SILVA, Raquel Matos. **As redes sociais e a revolução em tempo real: o Caso do Egito.** 2011. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37496/000820279.pdf?sequence=1>

SANTOS, F. J. A. **O ciberativismo como ferramenta de grandes mobilizações humanas: das revoltas no Oriente Médio às ações pacíficas do Greenpeace no Brasil.** Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 5 - Edição 1 – Setembro-Novembro de 2011.

SANTOS, Rafael Gil Portella lima dos. **O soft Power soviético: a rádio Moscou na guerra fria.** 2010.2. Faculdade de relações internacionais IBMEC Rio de Janeiro.

SANTOS, Victor Marques dos. **A “Era do conhecimento” e as Problemáticas Globais.** In MORGADO, Isabel Salema e ROSAS, António (Orgs.). *Cidadania Digital*. LabCom Books 2010. Série: Estudos em Comunicação

SEITENFUS, Ricardo Antonio Silva. **Relações Internacionais.** Barueri, SP: Manole, 2004.

SPUDEIT, Daniela F. A. Oliveira. **O fenômeno social das redes de informação: Reflexão teórica.** Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.15, n.1, p. 87-100 jan./jun., 2010.

TOMAEL, Maria Inês; MARTELETO, Regina Maria. **Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação.** Enc. Bibli: R. Eletr.Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, 1º sem. 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/342/387>.

THE ECONOMIST. **Twitter 1, CNN 0. But the real winner was an unusual hybrid of old and new media.** Disponível em: <http://www.economist.com/node/13856224>

THE GUARDIAN. **Arab spring: an interactive timeline of Middle East protests.** Garry Blight, Sheila Pulham, Paul Torpey. Janeiro de 2012. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/video/2011/jan/25/egypt-protest-president-murabak> video

VILLA, Rafael Duarte. **Segurança internacional: novos atores e ampliação da agenda.** Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451994000300006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451994000300006&script=sci_arttext)

WARREN, Ilse Scherer. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais.** Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2006